

EL GUESTO

A MONARCHIA

OU

A REPUBLICA ?

BIBLIOTECA DO
SENADO FEDERAL

ELGUESTO

A MONARCHIA

OU

A REPUBLICA ?

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, RUA D'OUVIDOR 31

1885

2480

V
321
P379
m
1885

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 2682

do ano de 1974

AO LEITOR

O auctor destas linhas é um simples provinciano que externa a sua opinião com a isenção de espirito só propria de quem tem vivido afastado da Côrte e dos aulicos.

É bem possível que haja erros no juizo que emitte ácerca da monarchia e dos intuitos da democracia ; mas, si assim é, relevem-lhe ao menos a franqueza.

Deve, porém, dizer que não é novo o opusculo que ora apparece: é elle o resultado de uma serie de artigos anonymos, insertos em diversos jornaes, e que estavam condemnados á mais completa obscuridade.

Si os reedita hoje é seu fim unico e exclusivo devolver as injurias e calumnias de que foram victimas a *Republica* e os republicanos brazileiros.

Assim tenha conseguido o seu intento !

Elquesto.



A propaganda republicana

Tende-vos apercebidos, que vem os tempos aproximando: nesse dia, tamanho terror e tão desconcertados gritos tem de haver como se nunca ouvirão depois do dia do diluvio. Bramirão os reis em cima dos seus thronos, e com as mãos ambas lidarão segurar nas cabeças as corôas pelos ventos arrebatadas e elles com ellas serão varridos e dispersos.

LAMENNAIS.

Periga a causa da monarchia. Dá-se geral rebate. Dobram-se os bivacs. Postam-se esculcas aos pés do throno!

Qual a causa de tão profundo abalo? Quem desperta de seu somno de indolencia e de descuido a poderosa Semiramis adormecida á sombra dos louros de Bactres?

Quem ameaça, defendida, como está, pelos troncos seculares de nossa politica, a divindade de sua essencia, a veneração que inspira á myriade de nossos aulicos?

Sente, acaso, estrepito de guerra, relinchar de corceis, retinir de armas, rufar de tambores, vozes de capitães? Ou ouve apenas o som agudo de um anafil enganador?!

Não o sabemos.

O solio de Bragança assenta em solida peanha; o governo que nos rege é considerado patriarchal: qual, pois, a causa de tão grande azafama?

Esse atropello geral é filho de uma illusão.

Ao nosso ver, são inuteis novas tendas, novos exercitos, novos quarteis-generaes.

Nada deve receiar a monarchia. O passado garante-lhe o futuro.

A propaganda republicana nada é. O povo brasileiro é essencialmente monarchico.

A natureza humana veda-nos o governo dos anjos, disse o José Bonifacio em suas obras *ineditas*. A democracia pura é incompativel com o organismo do homem, o animal sem pennas, na phrase de Platão.

Na verdade: a Suissa não é republicana; os americanos do norte não são homens, mas, sim, semi-deuses!

O patriarcha de nossa independencia, invocado com muita fidelidade, já delineou o nosso porvir, lavrou a nossa sentença, soldou-nos para sempre aos guantes da monarchia.

Que fazer?! Foi dita a ultima palavra. Nossa sorte está escripta. Para que, pois, tanto movimento de ataque e de defeza ao mesmo tempo?

Ah! os *especuladores* tramam contra o sabio governo; desvairam o povo, massa plastica que recebe todas as fórmias que lhe queiram imprimir!

Falso idolo o que adoram! Fetiche que vacilla

em seu nicho ao sopro de um simples iconoclasta!

A verdadeira religião, o verdadeiro Deus não oscillou aos gritos de um punhado de loucos. Para prova, o catholicismo e o martyr do Golgotha. A antiguidade armou-se contra elles; o sangue das victimas jorrou em ondas: os cutellos ensanguentados, as feras e os *quemaderos* são a chronica viva dessa época memoravel.

Seus inimigos nada conseguiram. Os Judas Iscariotas são hoje objecto de execração. Pelo contrario, altares foram erigidos em massa; multiplicaram-se os templos e milhares de judeus converteram-se á nova fé.

A verdade é uma e unica: não tem duas faces como o templo de Jano. Si a monarchia é o governo por excellencia; si os seculos amontoados já o tem provado de sobra, nada têm a temer os seus adoradores.

A republica, que é a mentira, um impossivel pratico, um *engodo* aos incautos e baldos de espirito, não será, de certo, a picareta que demolirá o templo de Baal, que á tanto custo procuram conservar, e que tem atravessado tantos seculos *de pé, inabalavel, magestoso, sublime!*

Nem o brilho da republica de Roma, nem a democracia das cidades gregas e das ligas anseaticas, poderão remover uma pedra, quebrar o concreto de seus muros.

Como temer a propaganda republicana, que ca-

minha vacillante, pesada, inspirando-se apenas nos perigosos prejuizos?!

Como receiar um punhado de recrutas, apanhados ao acaso, sem *crenças*, sem convicções, sem outro intuito que não o de illudir o povo?!

O cerebro da monarchia está povoado de visões. O remorso a desvaira; e, como o doente imaginario de Molière, vê por toda a parte enfermidades e perigos!

Sua consciencia passa, talvez, em revista os seus crimes! O sobresalto que revella; a inquietação que se lhe nota, o olhar irriquieto e turvo que volve em torno de si; a timidez que a assalta; a defeza que accumula, evocando generaes já invalidos e armas oxydadas, demonstram a grande perturbação que lhe trabalha o espirito.

Assim é. A não ser um horrivel pezadelo, novas *gazetas* não se teriam creado, e as velhas não seriam assalariadas para defender a sua causa.

A faina, portanto, que ostenta é um signo de morte ou de grande enfermidade: é o ultimo paroxismo da sua existencia na America, e, quiçá, no orbe.

Esforço vão o que fazem para salva-a!

A sua queda está tramada no laboratorio da opinião publica.

Não accusem, porém, aos *especuladores*; não lhes attribuam esse eclipse: accusem antes á propria monarchia!

A causa do seu occaso é a caducidade dessa velha instituição, o anachronismo desse absurdo historico.

Novo *Rosenberg*, vai ella rojar pelo chão, sob o peso de seus erros, com um frager que, ao mesmo tempo que assombrará o mundo, lhe servirá de ensinamento.

Os intuitos da democracia.

Para certa gente, só se é republicano, molhando a penna em sangue, invocando o terror, e cahindo em todos os delirios e excessos da demagogia, que toma a febre por vida, e que entregando a sociedade á convulsões epilepticas, conclue por lança-la desde os estremecimentos da anarchia até aos braços da dictadura.

E. CASTELAR.

Accusam a republica de conquistadora e sanguinaria: calumniam-n'a.

A democracia quer paz ; aspira á ordem alliada á liberdade ; deseja esta como o desenvolvimento daquella: aborrece as grandes commoções e os flagellos da guerra e das revoluções.

Seu fim, sua aspiração unica, é redimir a humanidade pelo trabalho, pela industria e pelo aperfeiçoamento de todas as capacidades physicas, moraes e intellectuaes do homem.

As dissensões intestinas e as grandes correrias no exterior não se harmonisam com as suas vistas civilisadoras e humanitarias. Negar-lhe esta grande virtude é a prova da maior intolerancia do espirito de partido.

Si algumas vezes a republica, desvairada, tem

sahido dessa esphera e os seus adeptos se têm feito jacobinos exaltados, é isso antes força das circumstancias, necessidade indeclinavel de certas epochas e não destino, ou seu fim primordial.

É verdade que Roma conquistou os Volscos e estendeu o seu dominio por sobre quasi toda a Italia, mas, além de o ter feito sob um regimen dictatorial, e não republicano, assim procedeo para, melhor constituindo as suas fronteiras, cumprir pacificamente o seu *fatum*, a sua redempção pelo trabalho.

E conseguiu ella plenamente o seu intento, o que demonstra o apogêu á que chegou, servindo-nos ainda hoje de modelo os seus sorprendentes monumentos artisticos e juridicos.

O mesmo não se póde dizer das monarchias. Volvam-se os olhos para a Europa: do oriente ao occidente o que vemos?

Ruinas e cemiterios!

Qual o povo que por meio seculo conservou intacto o seu mappa geographico? Nenhum. Por toda a parte, para a illustração de uma corôa, para a consolidação de uma dynastia, que só assenta sobre caveiras e ossadas, o forte esmaga o fraco, a materia domina o espirito!

Não precisamos recuar á historia de alguns seculos, e fallar dos Filippes, dos Alexandres, dos Attilas, dos Gensericos e dos Carlos Magnos: fixando os olhos nos tempos modernos, mais proximos de nós, que presenciemos?!

Depois da revolução franceza, heroica a todos os respeitos, mas ao mesmo tempo tão carregada de crimes, quando a França fatigada precisava de descaço, o filho de Leticia, que podia completar a obra dessa Eneida tão brilhante, agarrando pelos cabellos os restos dos patriotas que escaparam á sanha de Robespierre e ao aço da guilhotina, passeou pelo continente, como um aborto do inferno, espalhando por todos os seus angulos o terror e a morte.

Quando se precisava de tranquillidade e de socego para a reparação das forças perdidas, elle, o genio do mal e da guerra, leva na sua dextra as aguias, ainda gotejantes de sangue, ás pyramides do Egypto e aos gelos da Russia, onde tala campos e incendeia cidades.

Nada deteve a sua marcha assoladora: no seu caminho transformou a Italia e a Allemanha, derubou templos e altares, não lhe inspirando pavor nem o braço de Deus, nem o odio dos homens, nem a imponencia da formidavel coalisão da Inglaterra, Austria e Prussia, suas terriveis inimigas.

Tudo destruiu, depois de tudo haver conquistado. A sua espada foi o latego de Satan açoitando a humanidade!

Deus, porém, amerceou-se dos flagellados. Esse symbolo da monarchia nos tempos modernos, quando a democracia começava a ensaiar as suas azas, acabando com os privilegios e governos de castas, cahiu em Waterloo ao peso de seus crimes, para lição dos outros reis.

É bem recente ainda a historia da Polonia, a patria de Kosciusko e Paulowinski, presa dos tres abutres do norte, que a partilharam entre si.

Não é de longa data a conquista de parte da Dinamarca pela Prussia, que lhe arrebatou o Sleswig e o Holstein.

Ainda estão fumegantes os incendios e as ruinas; ainda estão muito quentes as lagrimas e o sangue derramado no solo glorioso da França pelas altivas hostes do rei Guilherme, que arrancou á patriótica republica, essa herdeira dos despojos opimos da revolução de 89, as suas duas mais ricas gemmas, a Alsacia e a Lorena, obrigando as suas populações a tentarem um novo exodo em demanda da mãe patria, que não lhes foi madrastra no momento da afflicção.

Quem, pois, mais conquistadora e sanguinaria: a monarchia ou a republica?!

Á vista destes exemplos eloquentes, poderão citar com emphase a America do Norte como o typo da ambição, quando procura tomar aos selvagens as florestas, cathechisa-los, chama-los ao seio da civilisação, de que são os mais fervorosos propugnadores?

Não, de certo. Falle por nossa voz Castellar:

« Um povo livre, democrata, federal, republicano, o povo dos Estados Unidos, tinha offensas que reparar, dividas que exigir e agravos que vingar da monarchica Inglaterra, cujos homens de Estado, impacientes por acabar com o poder de uma rivali-

dade generosa e com o exemplo de uma democracia triumphante, se inclinaram na ultima guerra civil para a aristocracia negreira do sul e favoreceram-n'a com expedições praticas, elles ! que se gloriavam de haver abolido a escravatura no mundo ; mas, ao chegar a epoca da grande liquidação de todas essas dividas, o povo republicano preferiu aos horrores de uma guerra justa, o procedimento de um trabalho pacifico ; aos combates dos exercitos, os litigios dos jurisconsultos ; á victoria guerreira, a sentença juridica que ha condemnado em supremo tribunal seus poderosos contrarios, dando vigorosos exemplos de justiça e abrindo uma nova era ao direito internacional humano. »

A democracia não visa a conquista, a usurpação, a dominação do semelhante. Esse acto comprova-o exuberantemente. Ella que apregôa a igualdade perante a lei e não a igualdade absoluta, um impossivel ; ella que põe em pratica todos os direitos naturaes ; ella, que quer emancipar o homem politica, economica e socialmente, não podia ter intuitos que repugnam á sua essencia. Esses predicados que lhe emprestam os seus inimigos são os da monarchia e constituem a occupação dos reis, cuja missão unica na terra é esmagar o povo e as nações para mais facilmente perpetuarem a sua dominação.

Os argumentos, pois, dos amigos do throno são contraproducentes ; são o seu corpo de delicto, a prova plena dos instinctos da monarchia.

Quão differente, porém, é o que se passa na Suissa, a patria de Tell, o seio de Abrahão?! Alli não se observa o movimento de tropas, que se nota nos demais paizes da Europa. O seu presidente não provoca conferencias com os soberanos do Norte para, mancomunados, melhor escolherem suas presas. Á borda dos seus lagos, á sombra dos seus valles, no cume dos seus Righis e Pyllatus, não se trama nem a queda das monarchias, nem o sossobro das republicas: fortalece-se, pelo contrario, o pendor para o trabalho do corpo e do espirito; abrem-se lyceus e academias, que recebem homens e mulheres, sedentos da instrucção que faz aborrecer os desvarios do throno e amar a fórma patriarchal de governo que possuem, da qual disse Laboulaye que não dá logar a aperceber-se o povo que tem elle um chefe que dirige os seus destinos!

Sim, é o governo dos anjos: não é o povo vexado com pesados impostos applicados ao sorvedouro da guerra, não é elle chamado quotidianamente para os inuteis exercicios militares; não é vigiado, inspeccionado em todos os seus actos, como si fosse um criminoso ou um perverso consummado; não é peado no seu desenvolvimento, nem enredado na centralisação e na administração, verdadeiras tejas de Penelope!

Nada disso permite a Republica Helvetica, o estupendo oculista que restituirá a vista aos cegos e descrentes nos milagres da democracia federativa.

Não é tal, porém, esse governo pela indole e genio do povo, mas, sim, pela sua propria natureza, pelo seu character respeitador dos direitos do homem e da sociedade.

Quanto differe do que se dá entre nós! Que antithese! Lá é elle um symbolo de paz e de concordia, um incentivo ao trabalho; cá é um instrumento de guerra, desdobrado aos ventos das matanças e horrores.

Lá é o suor do povo applicado aos melhoramentos do paiz; cá é elle posto ao serviço de uma familia privilegiada, que repoltreada em seus coxins, assiste ás saturnaes eleitoraes, ouve os canticos de guerra e as vozes dos aulicos que fallam á sua vaidade, impetrando empregos publicos.

Sim, a democracia é má, porque o povo trabalha para si, para o engrandecimento de sua patria, e não para aquelles que confiscam os seus direitos, cerceiam as suas liberdades, e dispensam-lhe migalhas, como si dessem uma esmola.

Á esta fórma de governo convem que o povo não se illustre, para jamais conhecer a pressão de que é victima: por isso trancam-se as academias, perseguem-se estudantes, difficultam-lhes o accesso aos cursos superiores, com regulamentos confeccionados expressamente para esse fim.

Não é pura invenção o que avançamos; os factos ahi estão.

O odio da monarchia á mocidade, os batedores

do futuro, é patente. A razão é simples: são estes os vingadores do passado.

Prova o que deixamos dito uma cousa: a diferença entre as duas instituições e a supremacia da democracia sobre a monarchia, regimen compressor, verdadeira estufa de todos os intuitos nobres, de todas as aspirações generosas.

Combatamol-a, portanto, fazendo vingar o governo do povo pelo povo. Si cahirmos na luta, restar-nos-ha a gloria de, succumbindo, não bradarmos como os gladiadores romanos: *Ave, Cesar, morituri te salutant!*



O poder pessoal

Devenir soi-même une sorte de premier ministre perpétuel et inamovible, et disputer aux cabinets et au Parlement des lambeaux de pouvoir, voilà (qui le croirait!) la triste ambition de certains rois constitutionnels qui, selon la parole du poète, aspirent à descendre.

(PRÉVOST PARADOL, *La France Nouvelle.*)

Os nossos aulicos, como os sectarios do finado D. Miguel, impetram o governo absoluto.

Que tempos!

No meio da ruina geral, do descalabro dos caracteres, da moralidade e da justiça, elles, cegos que não querem ver, attribuem os poucos beneficios que fruimos á vontade irresponsavel!

Espiritos obcecados, tomam a nuvem por Juno!

Myopes, que nada vendo em distancia, confundem as phosphorescencias dos brejos com as aurores boreaes!

Ingenuos, que ouvindo emballarem-n'os com falsos hymnos ao progresso, não se apercebem que é isso musica de theatro que distrahe o espectador, emquanto aguarda novo acto da comedia!

Não progride o paiz aos influxos do alto, não avança impellido por seu braço, electrizado por seu espirito: pelo contrario, empresta-lhe este azas de chumbo nos vôos que ensaia, immiscuindo-se em todos os negocios do Estado, atacando de um modo indebito o pacto fundamental.

As queixas e exprobrações do povo são innumerables.

Os olygarchas, porém, nada ouvem. Na adoração mystica a que se entregam, nesse recolhimento intimo e ascetico em que vivem, no extase constante ante a imagem, symbolo do seu ideal, não ouvem os clamores dos patriotas, formulados na imprensa, unico respiradouro que ainda resta á liberdade para a sua inutil expansão.

Não é de hoje esse mal.

A ingerencia censurada é vicio congenito ás monarchias, principalmente á monarchia brasileira.

Luiz Filippe, o rei cidadão e democrata, na opinião dos simples, derrubou a sua dynastia, levantando em seu logar a republica de 48, com o governo pessoal.

Desrespeitando a opinião do povo, infensa á opinião do parlamento, arremessou o paiz nos braços do socialismo e da anarchia, dos quaes só foi arrancado pela usurpação napoleonica.

Entre nós prepara-se o mesmo phenomeno.

A marcha da administração encaminha-se asinha para esse resultado, prognosticando grandes catastrophes, presagio talvez de um futuro melhor.

O pavor é geral.

Não data do movimento democratico actual a opposição à esse Briareu, que com os seus cem braços, como as serpentes que estrangularam Laocoonte, enrosca-se em nossa constituição, substituindo-se a todos os poderes do Estado e constituindo-se, sobre as ruínas de todos e de tudo, a unica entidade na nação.

Esse *alter ego* de todos os poderes, essa sombra que resvala, como o perspirito de que falla Allan Kardec, através dos mais insignificantes negocios publicos, influindo até na escolha dos empregados subalternos, depois de ser o eleitor dos deputados e senadores, o organisador dos ministerios, o nomeador das auctoridades, o perdoador dos criminosos, quebra, levado pela triste ambição de mando, a boceta de Pandóra, que guardava a ultima esperanza dos crentes nesse anomalo poder.

À todos assalta hoje o desanimo, com excepção dos olygarchas.

Deste regimen nada se espera. Si em tudo influe a vontade soberana, é responsavel por tudo. Sobre ella devem pesar as maldições do povo.

As denuncias que se ouvem não partem de labios suspeitos. Delatam esse abuso os proprios fautores das dynastias.

Além dos Ottoni e a phalange liberal moderna, os Vasconcellos, Barbosa, Paraná já o haviam condemnado como um elemento pernicioso, que á ma-

neira dos *rainmakers* da Africa, de que falla Livingston, amontoava procellas sobre os destinos da patria.

Esses denodados patriotas, na epocha que decorreu de 1840 a 1848, foram estrenuos lidadores, verdadeiros videntes, que enxergaram no futuro os perigos dessa invasão e levantaram contra ella a mais honrosa das cruzadas.

Só os aulicos, presididos e capitaneados por Aureliano, chefe da seita palaciana e valido de confiança, tinham os olhos cerrados, e em vez de aconselharem o poder que desvairava, acoroçoavam-n'o, pelo contrario, na vereda que levava.

Os ministros fracos e subservientes desse tempo são os unicos responsaveis pelos nefastos defeitos de tão errada politica.

Não é, pois, novo o poder pessoal, essa cabeça de Medusa que a todos hoje apavora.

Começou a ensaiar-se nos primeiros ministerios da maioridade, e tem continuado, na successão dos annos, a firmar-se no paiz, affastando das altas posições os homens independentes, procurando com subtileza sem exemplo esgueirar-se por todos os ramos do serviço publico e da administração, como o maior e o mais perigoso inimigo da liberdade e da democracia.

Bastava isso para a sua condemnação. No entanto, vai além, invertendo a orbita dos poderes do Estado; dando-lhes outra direcção e mecanismo,

tornando-se, emfim, a espada de Brennus a decidir da felicidade publica, impondo-se ao povo como si fôra o vencido.

É elle o nosso poder legislativo, o nosso poder judiciario, o nosso poder executivo, o nosso poder moderador, todos os poderes, em summa, o poder absoluto!

Contrario por sua indole e natureza á tranquillidade da nação, e, ainda mais, incompativel com a dignidade do homen e o pundonor nacional, é um poder repellente.

Profligar o alchimista que transforma o caracter de nossas instituições, fazendo-as de democraticas, que são *em apparencia*, instrumentos de anarchia, deve ser nossa missão.

Entoem-lhe embora hosannas os olygarchas, façam a sua apothese, que nós diremos delle o que disse um escriptor popular da dictadura e da demagogia: — Não o queremos nem mesmo para realizar o bem!

O 2.º reinado

Lex facit Regem, Rex nihil potest nisi quod
jure potest.

(Maxima ingleza).

I

Dormimos embalados pelos hymnos de liberdade entoados pelo governo, quando em torno de nós tudo respira escravidão.

Os nossos vechtilzas políticos, como os da lenda da Servia, abanam as azas envenenadas, soprando uma viração morna sobre o nosso corpo, enquanto bebem o sangue das nossas veias e nos reduzem a cadaver.

Dormimos! Quando acordarmos não seremos mais homens; mas simples automatos movidos aos acenos do poder!

Esperamos... e não vemos que a liberdade é uma mentira em seus labios!

Infelizes, que somos, a nossa boa fé nos mata!

II

Enganam-nos os da cumiada do poder. O catalco regio não symbolisa paternidade. O solio é a guilhotina dos nossos direitos ; sobre ser um anachronismo do seculo, é um absurdo inexplicavel.

Outr'ora, pretextando infancia na vida politica dos povos e inexperiencia no manejo dos negocios publicos, os reis intitularam-se paes do povo ; e o povo, sentindo a sua inexperiencia, acceitou o patrio poder do rei.

Então, antes da grande revolução que investigou e firmou os direitos do homem, o poder patrio, protector e amigo, passou a ser tyrannico e despotico ; e nós, povo, massa plastica em suas mãos.

Correram os seculos. As galas que os circumdavam, o ouropel que os ajaezava, o deslumbramento que espargiam, produziram seu effeito. Supersticiosos, vimos nos reis uns semi-deuses ; ignorantes, não comprehendemos sua usurpação ; tímidos, não soubemos resistir e nos submettemos ; inexperientes, deixámo-nos escravisar e dirigir como um rebanho !

Exultaram de jubilo. O pae tornou-se patrono ; o patrono, senhor ; o senhor, algoz !!

Armado de todos os meios para manter o seu poder discricionario, trouxe-nos sempre debaixo de um jugo que não podiamos comprehender. Persuadido que a illustração do nosso espirito nos daria a ponta da teia de nossos direitos confiscados, manteve-

nos sempre em profunda ignorancia, negando-nos até o estudo da nossa propria lingua.

Ajudado pelo clero, que tinha as mesmas vistas de dominação, conseguiu plenamente o seu intento ; e o povo vegetou como as plantas nos bosques, crescendo sem saber como, nem porque, alimentando-se por instincto, movendo-se automaticamente, até morrer como as cousas inanimadas !

Nós, brasileiros, ainda fomos mais infelizes ; soffremos de mais !

Com o tempo o coração nos fez sentir que eramos homens, que tinhamos direitos ; que eramos cidadãos, que tinhamos patria ; e nos levantámos em massa contra os donatarios de nossas terras, contra os arbitros dos nossos destinos e senhores da nossa liberdade !

Foi no anno de 1822.

Conseguimos muito ; porém não tudo quanto nos puderão arrebatat : muito ainda temos de reaver.

Naquella época o proprietario em apparencia renunciou o seu direito de propriedade : chamou-se imperador constitucional, mas continuou a ser, na essencia, o mesmo rei absoluto de outr'ora.

Infelizmente, durante tão longa peregrinação de soffrimentos, alguns cidadãos por cobiça, ou por gratidão, ajudaram a obra esmagadora do rei. Desvairados, entendiam que com quebra de nossos brios ha honra em ter um senhor.

Tiveram-n'o e bom !

III

Antigamente a lei era a vontade do rei; a oppressão o effeito da sua colera e maus instinctos; a responsabilidade sua unicamente, porém inefficaz, por isso que o rei não podia ser punido pelo povo: o deus não devia ser castigado pelos fieis.

Ainda este é o mechanismo actualmente. A lei é escripta pelos designados do rei; a responsabilidade da execução foi attribuida a outros sete designados; o executor da lei é o proprio rei, invisivelmente, com todas as suas paixões.

É, portanto, o templo de Jano com uma porta fechada para a liberdade e outra aberta para a escravidão!

E chamam a isso o sacrario dos nossos direitos, o evangelho da nossa liberdade!

Irrisão!

Muitas vezes nos temos illudido, acreditando na Circe. Já chegou o tempo da desillusão.

Abramos os olhos.

IV

Os monarchas, como todos os empregados estipiendiados pela nação, não podem ter uma acção propria e independente, como geralmente se entende.

Collocados pelo povo á frente dos governos, a sua missão unica é o bem do mesmo povo. No exer-

cicio da sua auctoridade não devem vizar outro fim. E toda vez que, desviando-se desta lei, tiverem outro norte, devem ficar, como qualquer cidadão, sujeitos a uma sanção penal.

Lei, sem esta sanção, não é lei : não obriga, é sem virtude.

Quando a lei os declara irresponsaveis, pela irresponsabilidade os annulla e lhes tira o poder de fazer mal.

Mas, si calcando aos pés a lei de que são subditos, elles, apoiados pelos maus cidadãos, consideram como um feudo o paiz que não é delles, perpetram como qualquer outro empregado publico, um crime cuja punição cabe ao povo inflingir.

Esta verdade é confirmada pela historia de Carlos I, Luiz XVI, Carlos X, Francisco II, Pedro I do Brazil, Maximiliano do Mexico e Isabel II.

Todos esses soberanos foram máus reis, porque armados da irresponsabilidade, desrespeitaram os direitos do povo que os havia elevado á posição que occupavam. Delles uns foram executados como prepostos fraudulentos, como mandatarios que desenvolvem mais poder do que lhes deram seus mandantes, julgando-se munidos só de direitos sem deveres a cumprir ; os outros foram expulsos como empregados infieis e maus, como cidadãos condemnaveis.

O exemplo do nosso imperador, que foragido foi viver em plaga estranha, é ainda bem recente.

A principio, pretendendo a corôa, alardeára

grandes virtudes. Não queria ser nosso rei, porém nosso amigo; não era nosso superior, mas nosso con-
cidadão; não queria o mando, pelo amor do mando,
mas sim para se dedicar á nossa felicidade.

Acreditámos nas suas palavras; illudiu-nos.

Como todos os monarchas que não querem resignar-se a representar apenas o symbolo esplendido que figuram nos governos representativos, elle, desde o primeiro dia de governo, tramou contra nós e contra o nosso paiz.

Guardando intacta e respeitada a tradição de sua familia emperrada na politica, absolutista no go-
verno, acostumada ao mando, escrava das paixões, durante alguns annos de reinado pôz em pratica todos os defeitos e tendencias funestas da sua natureza, que estragaram Portugal e nos estragariam por muito tempo.

Sabia embahir. Deixamo-nos enlevar em seus cantos de serêa. Quando despertámos, quando nos desprendemos do extase, era tarde: — o paiz estava arruinado, a nossa tolerancia aviltada, os nossos costumes corrompidos, o nosso progresso peado. Só havia adulação no povo para com o soberano que o havia escravizado, e dôr no coração dos patriotas que não desesperaram do futuro.

Como em todos os tempos e em todos os paizes, houve o que sóe haver quando a indignação transborda d'alma: o povo sublevou-se. A consequencia

foi o drama de 1831, lição sublime, cheia de conceitos vigorosos e de verdades para os reis e para os bons cidadãos!

V

Commettemos grande erro em 7 de Abril. Tivemos a singeleza de crer que essa revolução aproveitaria aos reis vindouros, que o futuro trajaria outras côres e que o segundo reinado não seria o continuador da historia do primeiro.

Nova illusão!

O segundo reinado tem marchado sobre as pegadas do primeiro.

Entretanto, era justificado o nosso erro nessa quadra.

Accusavamos o primeiro monarcha por ser nascido em plaga estranha e ter sido educado nos costumes de sua antiga familia, principalmente nos do rei fugitivo, e confiámos no filho que fora educado em nosso seio, á luz americana e embalara-se aos canticos de liberdade que o povo entoava em suas aspirações de futuro.

Simplicidade! A tradição da familia não se interrompeu porque o segundo imperador fora educado sob as vistas do primeiro. A desgraça do pae, que devia ferir o filho, ensinou-lhe, porém, como caminho do poder a via da dissimulação.

Elevado ao throno, antes do tempo, nos braços

de uma revolução, por um partido generoso, oito mezes depois alguns dos patriotas que sustentaram o seu throno iam o caminho do desterro!

O anno de 1840 devia ter-nos ensinado o que podiamos esperar e o que podia ser o novo reinado. Mas, não! A boa fé cegou-nos mais uma vez, e achámos justificação para o proceder do imperador, que nunca pudera associar a monarchia á liberdade.

Pareceu esse primeiro erro, esse primeiro desvio, devido aos verdes annos, incompativel com a reflexão; e que a virilidade lhe modificaria o pensar, desenvolvendo-lhe a razão.

Ingenuidade foi esta que attesta sómente a grandeza do coração brasileiro!

Por espaço de 22 annos não se modificou a sua politica sinistra, visando sempre dous fins para governar, — corromper e desmoralisar. Corrompendo, fazia asseclas e partidarios; desmoralisando, espancava os obices que porventura pudesse encontrar na sua carreira desenfreada para o despotismo.

E tal tem sido até hoje o grande segredo da sua força, a sua panacéa politica, sem que pareça o povo aperceber-se delles.

Mas é que adrede se lhe tem obscurecido o espirito, considerando o throno como de origem divina, fazendo dos poderes publicos dadivas do céu e não delegações da nação, e apregoando-se a reforma da constituição e fórma de governo como um grande crime que desafiára a colera de Deus.

E o povo tem crido! Pobres de espirito seriam os que têm inculcido taes doutrinas, si o não fizessem de industria. Direito divino!... dadiua do céu!... ofensa á divindade!... Ah! não se lembram já da sua aclamação pelo povo! Que nos impuzeram uma constituição, em que se diz que todos os poderes são delegação da nação! Que o senso commum repelle a triste missão com que amesquinham a grandeza do Creador!

Infelizmente, o principio monarchico, syncretando em si toda a força da nação, ostenta-se o unico poder real, e debalde clamam contra absorpção tamanha os patriotas, em cujo peito não puderam ainda penetrar as blandicias da côrte.

VI

Povo! Em todos os paizes livres vós sois o soberano: escolheis os monarchas e elegeis os presidentes. O rei é vosso subdito porque não ha poder superior ao vosso.

Povo! vós sois dirigido pelo monarcha, quando é o monarcha que deve ser por vós dirigido. Não se conhece a vontade do rei, onde impera a opinião publica.

O rei não é um semi-deus, porém um pobre mortal de carne e osso; um empregado que vos deve contas da execução do seu mandato, a quem podeis pedir estreitas contas do bem, da felicidade

publica, que confiastes á sua dedicação e esforço, que podeis destituir, em summa, no dia em que faltar á vossa confiança e ao cumprimento dos seus deveres.

Acaso julgaes que haja algum poder na terra inaccessible á vossa indagação! Digam embora os aulicos que o rei se libra sobre as nuvens em uma região superior a todos os homens. Levantae-vos e fitae-o, que o achareis na vossa altura.

A monarchia no Brazil existe por vontade do povo. A seu pezar talvez os operarios do despotismo memoram todos os dias nos documentos officiaes este facto: — Dom Pedro, por graça de Deus e
UNANIME ACLAMAÇÃO DOS POVOS!

Examinemos o que tem feito o nosso monarcha durante a sua mocidade, antes de tombar na velhice em que se apagam ou amortecem todas essas bellas qualidades que constituem a melhor parte do character humano.

Não tem respeitado nossas leis, antes tem abusado dos nossos direitos, sacrificando o futuro deste grande povo, que outros esperam anciosos ver adiantar-se no caminho do progresso na terra bemfadada da America.

Politico, partidario, apaixonado, só protege um partido, porque entende que elle é a base do throno, a garantia do seu reinado, o sustentaculo da sua dynastia.

Envolvendo-se nas lutas politicas, onde as paixões se encandescem até frisar com a loucura; aborrecendo um partido porque o considera infenso a si e á sua descendencia, não tem aquella serenidade, nem aquella isenção que torna innocente todo o poder não penetrado do odio, e querendo governar-nos não tem sabido sinão fazer correr o precioso sangue brasileiro nas luctas eleitoraes.

Ah! tal não é, ó povo, a missão do imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil!

Visa acaso sómente o nosso bem e conservou-se fiel ao juramento que prestou em 25 de Março, aquelle que acredita que a liberdade é antithetica do throno, que a monarchia não póde ajustar-se com a democracia no seio do povo, que só ha um poder real possivel — ELLE?

Contemplaes o seu reinado em todas as épochas. A sua vida é a lucta, quando devia ser a inacção.

Ainda não proclamou alto o que é, porém por toda a parte faz executar a sua vontade com tanta certeza e precisão, que bem se vê que já nenhum obstaculo tolhe o cumprimento de seus designios.

As resistencias estão vencidas. Todas as alturas se abatem a um aceno da magestade.

Ha só ainda na planicie humilde, esse marachão em que a onda popular suspira e adormece agora, mas que póde levantar-se e fazer sossobrar o batel em que vai Cesar e toda a sua fortuna.

A monarchia actual é antipathica á liberdade:

representa o direito absoluto sobre o throno. Enganamo-nos? Quizessem os céus que errassemos neste juizo; que a experiencia, que o passado deste reinado fosse differente! Mais uma vez, porém, se confirma esta verdade historica: a liberdade, que é o fim dos povos, o seu destino, a sua aspiração unica, o seu bem absoluto, não é compativel com o solio no Brazil!

O Principe

Applicae o ouvido para fóra das janellas dos vossos palacios e conhecereis que o dia vem asso-mando, vozes dispersas vos chegarão de toda a parte, vaticinando uma grande mudança, não as desprezeis dizendo: do lodo sahem e tão pequenas são que nem sequer as ouviremos.

CASTILHO.

É grande a ingenuidade!

Como explicar-se a mystificação de que são victimas os nossos maiores vultos politicos?!

Como cidadãos afferidos em tantas provanças ainda creem nas palavras enganadoras dos principes? Como podem persuadir-se que está na monarchia a salvação do paiz?

Não nos tem provado a historia, principalmente a nossa, que o throno é inimigo do povo, a realeza avessa á liberdade?

Lancemos os olhos para a Europa, e o que vemos? Em França a palavra amordaçada; na Allemanha a propriedade confiscada; na Italia a religião soberana; em Portugal a ignorancia forçada; na Hespanha a revolução armada; na Grecia a barbaria dos vandalos; na Turquia o vandalismo dos hunnos!

Qual a causa do grande desvio dessa lei natural? O maior anachronismo do seculo, a monarchia!

Concentrando nossas vistas no Brazil, o que observamos! A continuação do que se vê no velho mundo: a liberdade espavorida, a propriedade commum, a casa franca, a religião tyrannica, o governo despotico, a população escrava, o rei senhor!

O que explica tão enorme inversão na ordem social? Tambem a monarchia!

A que vêm, pois, tantas hosannas ao principe? O que podemos d'elle esperar? Nada.

Muito já esperamos de Pedro I, e nada conseguimos. Mais esperamos de Pedro II e pouco temos alcançado. Si alguma cousa esperarmos do principe menos ainda havemos conseguir.

Os thronos já estão ha muito julgados. A entidade moral monarcha tem vicios ligados a seu nome, companheiros inseparaveis da realleza, constitutivos do poder. Mudar de rei symbolisa continuar os vicios do passado, inherentes aos solios.

Desenganemo-nos. Gastão de Orleans será igual a seus antecessores, porque não poderá eximir-se á lei immutavel e fatal que rege os monarchas.

Quem mais liberal e virtuoso que Pedro I? Que monarcha mais promettia? Desobedecer ás côrtes e a seu pae para servir a um povo, era com effeito grande virtude; o futuro, porém, mostrou que elle não era mais que um substituto de D. João VI, de triste memoria para o nosso paiz.

Quem mais liberal que D. Pedro II em 1840? No entretanto, desde a retirada do ministerio de que fez parte Paula Souza até hoje, o povo sente que só uma revolução poderá espancar os males que elle ha semeado sobre o nosso torrão.

O principe, como elles cutr'ora, é hoje muito liberal, tem idéas muito nobres, é amante do povo, mas isso é emquanto o throno não é propriedade sua; firmado, porém, n'elle e circumdado das phalanges que guiou á victoria, que escalaram Acurra, assaltaram Peribebuy e Caraguatahy, talvez siga o mesmo caminho dos que o precederam: a sua historia será a historia do primeiro reinado—o despotismo asiatico alliado ao regulamento do Conde de Lippe e a do segundo com todo o jesuitismo e oppressão.

Experimentemos.

Condemnada a monarchia, como está hoje, pelo progresso que tem feito a grande republica Americana e pela civilisação da época, os monarchas são entidades obsoletas que só curam de esmagar o povo.

Em França, por exemplo, Napoleão acerca-se de grandes exercitos; na Prussia, Bismark inventa novos Chassepots; na Austria, de Beust melhora a organisação militar... O nosso futuro monarcha fará a mesma cousa.

A sua ida para o Sul, os seus affagos ao exercito, a sua coragem indomita é meio caminho andado para esse resultado: está a preparar o terreno

para plantar seu futuro e a futura dominação de sua dynastia.

É preciso que nos desilludamos: os monarchas nunca se sujeitarão ao papel de symbolo que elles significam nos governos representativos: isso importaria a quebra de seu orgulho, de sua vaidade e de seus interesses.

Um monarcha nessas condições não seria, no entender de muitos, um homem: seria um automato nas mãos do povo. E que monarcha se degradaria tanto, sendo filho de Jupiter, neto de Urano e bisneto da estrella Syro?! Nenhum.

A verdade o cegaria: em pouco tempo ou seria expulso para dar lugar a um substituto, e teríamos então a fabula de Sisypho, ou prestidigitando o povo, vel-o hiamos, annos depois reinar, governar e administrar. Por outra: ou teríamos a historia modernissima da Hespanha, ou a antiga de Portugal!

Que vantagem colheriamos disso? Não sabemos.

Não contemos pois com o principe: o seu reinado seria mais uma illusão, e nós mais uma vez mystificados; filhos de reis condemnados, os seus passos seriam os dos seus predecessores.

Voltemos as vistas para outro ponto — para a democracia pura: esta é a unica que nos póde salvar. Filha do povo, ella viveria para o povo; exercida por elle, ser-lhe-hia propicia.

É aquella fórma de governo a natural: o povo que sente as necessidades é o mesmo que as satisfaz:

o povo que tem direitos é o mesmo que os exercita; o povo que carrega com o perigo da licença, é o mesmo que a cohibe; o povo que quer justiça é o mesmo magistrado; o povo que anhela a ordem, é o mesmo que a mantem; o povo que soffre a pena, é o mesmo que faz a lei; o povo enfim, soberano, é arbitro do paiz.

É este o unico regimen nacional.

Não se diga que é isto uma utopia: ahi estão os Estados Unidos a demonstrar o contrario.

Nem se diga tambem que nosso character se oppõe a essa fórma de governo: laboriosos e pacificos não nos falta uma só das virtudes republicanas.

Deixemos as meias medidas; estas o que fazem é prolongar os nossos males, sem vantagem no presente, com grave damno no futuro.

Um dia que perdemos com a monarchia é um anno de atrazo e um seculo de escravidão.

Imitemos a Hespanha, não para pormos de novo em leilão o nosso throno, mas para n'elle assentar o verdadeiro soberano — o povo, o rei americano.

É tempo de abrimos os olhos: interrompamos o somno!

Uso externo

Mictus, ~~Acid~~
Vedid
clonum
Coco.

Glycerina ————— 60 grammas
Resorcina ————— 4 grammas
Acido borico 8 grammas
Alcool 40 grammas
Para uso topico.

Cheta minha allaria
Enchuzo teu pranto na anagosa
Que o teu pobre tusebano
ellorre de bauriza d'agua.

L6 / C 15

